Artigo original Recebido em: 05/08/2022 Parecer emitido em: 10/08/2022

FERREIRA, F.; FORELL, L.; Percepções docentes sobre a inclusão do surfe como conteúdo nas aulas de educação física escolar de escolas litorâneas. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v.21, n.02, p.117-125, 2022. ISSN; 1981-4313.

PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE A INCLUSÃO DO SURFE COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DE ESCOLAS LITORÂNEAS

Felipe Ferreira
Leandro Forell
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

RESUMO

O objetivo do estudo foi identificar quais as percepções de docentes de Educação Física Escolar do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, acerca da utilização da prática corporal do surfe enquanto conteúdo nas aulas da disciplina. Foram adotados procedimentos de pesquisa qualitativa, descritiva e interpretativa. Para a produção de informações, utilizou-se entrevistas semiestruturadas com oito professores de Educação Física Escolar. A interpretação das informações foi baseada na triangulação entre as entrevistas, o referencial teórico previamente levantado e a experiência pessoal dos pesquisadores com a temática. Os resultados indicam que os docentes compreendem o surfe como uma prática existente nas localidades em que atuam. Sendo uma possibilidade de conteúdo para suas aulas, mas que precisa de um tratamento pedagógico que acaba por impor ao docente o enfrentamento de diferentes dificuldades para sua implementação. A falta de material e a precariedade da estrutura física das escolas, bem como a falta de experiência prévia com a prática do surfe são elementos apresentados como dificultantes para a utilização deste conteúdo. A predominância de perspectivas sobre a disciplina que privilegiam a prática nas aulas de Educação Física é um importante elemento no processo de invisibilização do surfe enquanto possibilidade de conteúdo nas aulas dos docentes. Estratégias de ensino que utilizem materiais didáticos de forma teórica ou que apresentem possibilidades de adaptação ao meio escolar não aparecem de forma espontânea nas percepções dos docentes, sendo mais comum a presença de uma idealização de aulas no ambiente em que o surfe acontece, o mar.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Surfe. Conteúdo. Práticas Corporais de Aventura.

TEACHERS' PERCEPTIONS ABOUT THE INCLUSION OF SURFING AS CONTENT IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION CLASSES IN LITORANEAS SCHOOLS

ABSTRACT

The objective of the study was to identify the perceptions of Physical Education teachers from the North Coast of Rio Grande do Sul, about the use of surfing as a subject in the discipline's classes. Qualitative, descriptive and interpretive research procedures were adopted. For the production of information, semi-structured interviews were used with eight teachers of School Physical Education. The interpretation of the information was based on the triangulation between the interviews, the theoretical framework previously raised and the personal experience of the researchers with the theme. The results indicate that teachers understand surfing as an existing practice in the locations where they work. Being a possibility of content for their classes, but that needs a pedagogical treatment that ends up imposing on the teacher to face different difficulties for its implementation. The lack of material and the precariousness of the physical structure of the schools, as well as the lack of previous experience with the practice of surfing are elements presented as difficulties for the use of this content. The predominance of perspectives on the discipline that privilege the practice in Physical Education classes is an important element in the process of making surfing invisible as a possibility of content in the teachers' classes. Teaching strategies that use didactic materials in a theoretical way or that present possibilities of adaptation to the school environment do not appear spontaneously in the perceptions of teachers, being more common the presence of an idealization of classes in the environment where surfing takes place, the sea.

Keyword: School Physical Education. Surfing. Contents. Adventure Body Practices.

INTRODUÇÃO

O surfe é uma prática corporal que se popularizou mundialmente na modernidade e que vem crescendo significativamente principalmente nas últimas décadas, atingindo um número cada vez maior de praticantes. Estima-se, que o número de surfistas ao redor do mundo atualmente seja próximo de 30 milhões. (ZENI; BRASIL, 2021)

Este crescimento não acontece isoladamente de outros igualmente importantes, como o aumento no número de eventos esportivos de surfe, a ascensão da mídia especializada, o crescimento da população nas zonas costeiras e a sua recente inclusão na última Olimpíada, em Tóquio, 2020/21.

Os atletas brasileiros destacam-se no cenário competitivo mundial da modalidade tendo conquistado o campeonato mundial de surfe por 4 vezes nas últimas 6 edições do mesmo e também a primeira medalha de ouro olímpica da modalidade com o atleta Ítalo Ferreira, de Baía Formosa no Rio Grande do Norte, além de outros feitos como os recordes mundiais de ondas gigantes tanto masculino como feminino. (ZENI; BRASIL, 2021)

Com um vasto e lindo litoral recortado geograficamente, o Brasil é um país que oferece várias praias com boas condições para a prática do surfe, tornando-o uma possibilidade de lazer, treinamento ou mesmo de carreira profissional para aqueles que vivem ou têm acesso às regiões litorâneas. Desta forma, observa-se o surfe como uma prática presente e em crescimento, estando integrada à cultura corporal do litoral brasileiro, e que ainda é pouco presente nas aulas de Educação Física Escolar (EFE), disciplina curricular responsável por estudar a Cultura Corporal de Movimento (BRACHT, 1999), englobando seus aspectos históricos, sociais e culturais de manifestação na sociedade.

Também é importante considerar a recente inclusão da temática denominada Práticas Corporais de Aventura pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), que adiciona novas possibilidades de práticas pedagógicas à disciplina. Entendemos aqui o surfe como uma prática integrante desta temática, e que pode ser contemplado entre os conteúdos das aulas de Educação Física Escolar, principalmente nas escolas de localidades litorâneas onde sua prática se faz presente no cotidiano.

Compreendemos que a utilização desta prática nas aulas possibilita uma maior articulação entre a realidade local dos estudantes com os conteúdos apresentados pela escola, contribuindo para uma EFE "inovadora" (SILVA; BRACHT; 2012) pautada em uma nova perspectiva sobre a disciplina e que contribua com possibilidades concretas de prática corporal dos educandos em suas condições materiais e físicas, dentro e fora da escola. (SOARES *et al.*, 1992)

Portanto este trabalho, produto de uma pesquisa em nível de Mestrado Profissional em Educação na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) teve como objetivo principal, compreender e analisar quais as percepções de docentes de educação física de escolas públicas do Litoral Norte do estado do Rio Grande do Sul sobre a utilização do surfe como um conteúdo de suas aulas.

METODOLOGIA

Pesquisa qualitativa de caráter descritivo-exploratório (GIL, 2002).

Foi construído um formulário através da ferramenta *Google Forms*, que descrevia o assunto e os objetivos da pesquisa, e tinha como objetivo encontrar docentes interessados em participar do estudo.

O referido formulário foi distribuído via *e-mail* às Secretarias de Educação de 10 municípios que compõe o Litoral Norte do Rio Grande do Sul, e, em um período predeterminado de 30 dias houveram 17 respostas ao formulário, das quais 8 docentes de EFE do Ensino Fundamental de cidades do Litoral Norte do Rio Grande do Sul aceitaram participar da pesquisa.

Os nomes dos docentes foram preservados em conformidade com os princípios éticos da pesquisa científica e foram substituídos pelas denominações alfanuméricas D1, D2, D3, D4, D5, D6, D7 E D8.

Os critérios de inclusão para aceitação neste estudo foram: aceitar participar desta pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido previamente fornecido pelo pesquisador responsável e estar lecionando a disciplina de Educação Física em turmas do Ensino Fundamental em escolas públicas da região.

Materiais

A produção das informações foi realizada a partir de entrevistas individuais semiestruturadas (TRIVINOS, 1987) conduzidas de forma remota, a partir da ferramenta de videoconferências *Google Meet,*

importante salientar que todo o processo da pesquisa foi realizado no período pandêmico onde o isolamento social ainda era vigente na localidade de pesquisa.

Foi elaborado e produzido um roteiro de entrevista com 14 questões abertas, baseados nas diferentes leituras e percepções sobre o objeto de estudo que surgiram ainda durante a produção do projeto de pesquisa, também sendo embasado na experiência profissional e acadêmica dos pesquisadores na área da EFE.

Para a realização das entrevistas foi utilizado um Chromebook da marca *Samsung*, e a gravação do áudio e vídeo foi executada dentro da própria ferramenta *Google Meet.*

PROCEDIMENTOS

O roteiro previamente construído serviu como base para a condução de oito entrevistas semiestruturadas que foram aplicadas de forma totalmente remota via *Google Meet*, devido às restrições de distanciamento social vigentes à época da produção das informações.

A gravação das entrevistas foi previamente autorizada pelos docentes entrevistados, e constituiu-se em material de grande valor para esta pesquisa, permitindo um retorno às informações a qualquer momento posterior, sendo autorizado o seu uso, após uma revisão do conteúdo pelos participantes.

Posteriormente todas as informações da entrevista foram transcritas de forma manual, e também enviadas aos docentes entrevistados para leitura e aprovação de uso, não havendo restrições por parte de nenhum participante.

Análise das informações

A análise qualitativa foi realizada da triangulação das diferentes informações obtidas durante o período da pesquisa, sendo estas provenientes da literatura previamente selecionada, das informações produzidas a partir das entrevistas realizadas com os docentes, a interpretação e a subjetividade dos pesquisadores, elemento qual se considera presente inevitavelmente em qualquer estudo. (TRIVINOS, 1987)

Salientamos também que as análises produzidas neste estudo, foram orientadas por um olhar antropológico que o atravessa por completo, desde a construção do projeto de pesquisa até o último contato com os informantes procurou-se manter uma busca permanente por uma "descrição densa" (GEERTZ, 1989), observando todas as minúcias que foram possíveis de ser refletidas, com a compreensão clara das limitações deste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÂO

Durante as análises, foi possível observar a existência de diferentes temáticas que surgiram ao longo das entrevistas, e que para melhor compreensão e organização da pesquisa foram divididos em três categorias de análise: Concepções docentes sobre o surfe no litoral norte do Rio Grande do Sul; Diferentes perspectivas sobre a EFE e sua especificidade na escola e Implicações teórico-práticas acerca do conteúdo surfe nas aulas de EFE.

Na primeira categoria de análises foram reunidas as percepções dos docentes acerca da prática corporal do surfe nos municípios onde atuam, sendo identificado inicialmente que existem praticantes de surfe nas localidades e que utilizam locais específicos das praias para a prática nas comunidades pesquisadas, sendo identificados através das entrevistas cerca de 10 locais diferentes de prática de surfe nos municípios em que lecionam.

Contudo, quando as reflexões são direcionadas aos seus estudantes de educação básica, a percepção se inverte e segundo alguns docentes, não é possível perceber uma relação próxima dos estudantes com o mar e com a prática do surfe ao longo do ano letivo. ("*Sinceramente o surfe para as crianças da nossa escola ela simplesmente ignoram o mar, né, é como se não existisse.* D2*"*

Também foi possível identificar uma percepção de que é mais comum que alguns estudantes façam uso deste espaço durante o verão, contudo em muitos casos a relação é de trabalho, devido à intensificação do turismo na região como um todo. (*"então eles no verão eles estão trabalhando às vezes até vendem picolé na praia essas coisas assim 'né', mas é um local de trabalho não é um local de que eles olham como uma coisa de prazer"...* D2)

Pensando neste período do verão como um momento em que a dimensão do lazer ganha mais espaço no cotidiano dos estudantes devido às férias escolares, o estudo de Stoppa; Trigo e Isayama (2017, p.151),

apresenta dados importantes sobre o lazer de crianças nos períodos de férias escolares, que corroboram parcialmente as percepções dos docentes, sendo identificado pelos autores que "Na infância, a vivência (de atividades de lazer), via de regra, é realizada com o acompanhamento de uma pessoa, geralmente adulta, da família [...]"

Há também uma percepção de que o surfe é uma prática que exige materiais com custo elevado, e que este custo é um elemento que pode inviabilizar o acesso dos estudantes destas localidades à prática. (*"Mas como é um esporte né 'elitizado' porque uma bola a gente compra por 30 'pila' ali no camelô para jogar, agora para ter uma prancha para poder surfar, é complicado 'né'."* D3).

Contudo, alguns docentes de localidades menores percebem uma maior aproximação dos estudantes com o mar e com a prática do surfe, devido à menor infraestrutura pública oferecida nestes locais, o que acaba tornando a orla um ponto de encontro das pessoas destas localidades.

> *"O nosso lazer é a praia, a gente não tem outro lugar, assim, aí talvez por isso também tenha mais esse apego assim com a praia né. E por ser menor então não tem nada aqui e acaba aproveitando mais."* D4

Deste modo, inicialmente compreendemos que o surfe para estes docentes é percebido como uma prática de lazer, de ocorrência nas praias onde lecionam, com poucos estudantes que o praticam, e que exige um nível mínimo de condições financeiras que permitam o acesso ao material necessário à sua prática, o que pode dificultar o acesso de muitos estudantes de renda mais baixa a esta prática da cultura corporal local.

Alguns docentes abordaram o surfe como temática de suas aulas remotas durante a Pandemia, e salientaram que a inclusão do tema se deu devido à alta exposição nas mídias do surfe como esporte olímpico, incluído como estreante nas Olimpíadas de Tóquio 2020/21. ("*agora com as Olimpíadas aí eu explorei muito essas coisas, porque teve a estreia do surfe é um esporte estreante daí eu explorei bastante a história do surfe, fiz com as turmas do sexto ao nono".* D5)

Neste momento entende-se que estes docentes abordaram o surfe em suas aulas, a partir da alta exposição desta prática na mídia tanto aberta quanto fechada, mas é necessário considerar que ele foi percebido como uma possibilidade para a EFE durante a Pandemia, que com suas restrições impediu uma das características mais específicas da disciplina de ser realizada pelos docentes, que são as aulas práticas.

Para Barros e Darido (2009) a dimensão procedimental dos conteúdos, ou seja, os conhecimentos voltados ao "saber fazer" sempre foram privilegiados pela disciplina. Isto se deu em parte devido ao surgimento de diferentes paradigmas e vertentes epistemológicas que historicamente justificaram a presença da disciplina na escola ao longo de quase todo o século XX, sendo contestados de forma mais rígida pelas vertentes críticas a partir dos anos 1980.

A partir deste momento de crítica intensa surgem outras perspectivas sobre a disciplina, que iniciam novos estudos voltados à compreensão do fenômeno esportivo como um elemento da cultura corporal da humanidade, neste sentido, defendem que a EFE, deve abordar o fenômeno esporte como um conteúdo dentre tantos outros possíveis, também compreendidos como elementos da cultura corporal como as Danças, as Lutas, as Ginásticas, os Jogos e Brincadeiras e recentemente as Práticas Corporais de Aventura. (SOARES *et al*., 1992) (BRASIL, 2018)

A crítica ampliou os horizontes da disciplina no país, e neste estudo as diferentes perspectivas sobre a EFE foram observadas de forma plural na compreensão dos docentes entrevistados ("*Um desafio da Educação Física é tu tirar essa geração do sedentarismo"* D2 e "*Trazer a vivência para que o aluno possa aprender, vivenciar um pouquinho daquilo para ele poder de repente no futuro praticar algum esporte, e ser um adulto ativo."* D8), bem como diferentes formas de compreender o surfe como conteúdo em suas aulas, e é sobre elas que avançamos as análises da segunda seção deste estudo.

Dentre estas diferentes perspectivas foi possível identificar um elemento que pode ser considerado como central na percepção dos docentes, pois atravessou o diálogo de todos os entrevistados, que é a importância das aulas práticas para a disciplina.

> "*Eu sempre levo pra quadra, porque eles vêm daquela função da sala de aula daquelas 4 horas, então eles conseguem botar para fora assim 'né', aquela euforia, sendo que é mais tempo que o recreio, e movimenta muito mais eles."* D6

Ao aprofundarmos o debate para a possibilidade de inserção do surfe como conteúdo das aulas de EFE em suas práticas, os docentes o percebem como um conteúdo novo e que pode ser motivador para

os estudantes da região: "*Na escola eu acho que sim, com certeza acredito que sim, porque o aluno está sempre disponível e disposto ao que é novo e ao que encanta ele*". D7

Para Paixão (2018) estas práticas são consideradas "novas" e sua inserção nas aulas deve enfrentar um processo de quebra de paradigmas, principalmente o paradigma esportivo, tão presente e influente no cotidiano da EFE brasileira, e segundo o autor as práticas corporais de aventura estão em constante crescimento e inserção dentro das escolas brasileiras, ao longo da última década principalmente.

Para Silva e Bracht (2012) os docentes que se colocam à disposição de romper as barreiras do ensino tradicional em educação física, propondo conteúdos além daqueles já estabelecidos como os esportes coletivos, podem ser considerados como "professores inovadores".

Em oposição à prática pedagógica inovadora, estão as práticas do professor "tradicional" que privilegia em sua prática conteúdos relacionado aos esportes coletivos, tradicionais na disciplina e também o professor "rola bola" ou da "pedagogia da sombra" que abdica de sua função de condutor das estratégias de ensino para privilegiar sem critério algum apenas o que os estudantes desejam, esvaziando as atividades de sentido pedagógico.

Ainda, os docentes entendem que o conteúdo surfe traz possibilidades de relação com outras temáticas importantes que atravessam o currículo escolar, como o Meio Ambiente, e que a proposição deste conteúdo pode surtir resultados nas interações dos estudantes com a localidade em que vivem. ("*Cara, eu acho que ele poderia contribuir para aumentar a relação que os alunos têm com a natureza. Acho que seria um ponto importantíssimo por que o surfe ele traz esse contato com a natureza."* D6) e (*Relação com o mar 'né', fazer eles enxergarem o mar né, são pessoas que moram há 500m, 1km do mar e não enxergam o mar.* D3)

Nota-se então que os docentes reconhecem multiplicidade de contribuições da inserção deste conteúdo nas aulas de EFE, tanto para que os estudantes possam estabelecer outras relações com a localidade e as especificidades da região litorânea, quanto com questões mais amplas que desenvolvam novos conhecimentos sobre a educação física, a cultura corporal de movimento da localidade e a sua própria relação com o Meio Ambiente.

Contudo, mesmo considerando a "inovação" e toda esta recepção facilitada por parte dos estudantes, ao dialogar sobre maneiras de articular o surfe nas aulas de EFE, o que surgiu com frequência foi a existência de uma série de dificuldades sempre relacionadas à sua execução prática. *"Eu acho que os principais fatores é o não poder trabalhar na água porque a gente fala em surfe, a gente lembra da prancha na água surfando uma onda."* D4

Percebemos ao interpretar este relato, emergir novamente a grande importância atribuída pelos docentes às estratégias de ensino que se utilize de atividades práticas (e no caso do surfe a prática no mar em si), colocando-as quase como uma obrigatoriedade para as aulas de educação física.

Quando questionados sobre outros modos de apresentar o surfe nas aulas, como simulação dos movimentos do surfe na quadra da escola seja com skates ou de outros modos, ou mesmo, aulas em que o estudo conceitual sobre a prática na região seja prioridade alguns poucos docentes passam a considerá-las como possíveis.

Mas outros argumentam de forma veemente que não há uma aula de surfe, sem levar os estudantes a experimentarem a prática "como ela é", demonstrando a importância que dão não somente à prática, mas a uma prática "fiel" àquela vivenciada pelos praticantes usualmente.

> "*Porque pra ser o surfe a gente precisa da água, eu posso dizer que é surfe, mas não é, é dentro da água, porque mesmo que tenha movimentos similares, a questão de equilíbrio, centro de gravidade é tudo diferente"* D6

Neste caso, percebemos que é possível realizar uma associação entre o professor mais ligado aos conteúdos tradicionais, proposto por Silva e Bracht (2012) onde expõe que para esta perspectiva, objetivos como aprender as técnicas específicas da prática estudada são prioridade e devem ser reproduzido tal quais o são na prática do surfe na água, desconsiderando outras possibilidades como válidas para as aprendizagens dos estudantes.

Porém a própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018, p.219), nos diz que: "*[...] as práticas corporais de aventura devem ser adaptadas às condições da escola, ocorrendo de maneira simulada, tomando-se como referência o cenário de cada contexto escolar."* Como visto a própria base curricular propõe adaptações à realidade escolar de cada docente, bem como também cita atividades simuladas para contemplar estes conteúdos que exigem outros métodos de ensino devido à sua especificidade.

Entendemos que há necessidade de cruzarmos a barreira imposta por esta importância tão forte, historicamente atribuída aos momentos de prática da EFE, em favor de abertura de espaço para outras

possibilidades didáticas em que se possam ter momentos de reflexão sobre os conteúdos, sem a necessidade de reproduzi-los unicamente de forma prática.

Concordamos com Silva e Bracht (2012) no sentido de que devemos nos colocar como "professores inovadores", não apenas com intenção de adicionar mais práticas corporais não contempladas pela disciplina, mas inovar buscando alterar os sentidos das práticas, incorporando estudos ligados conhecimentos "sobre" a cultura corporal de movimento, modificando seu trato pedagógico, criando novas formas de avaliação e articulando a EFE "de forma mais clara e orgânica ao projeto pedagógico da escola".

Como dito anteriormente, nos diálogos sobre o conteúdo surfe nas aulas de EFE do litoral, em grande parte das respostas os docentes direcionaram suas reflexões a diversos elementos (risco, necessidade de material específico, falta de infraestrutura adequada nas escolas, pouco contato prévio com a prática do surfe) que possam dificultar ou desmotivar os docentes a propor o conteúdo surfe em suas aulas.

Acerca dos riscos envolvidos em propor atividades sobre surfe, o que se apresenta de forma mais recorrente nos diálogos é o risco a ser assumido pelo docente ao sair da escola com os estudantes. *"Essa questão do surf aí é um problema a gente não poder trazer essa vivência e não ter um controle, de trazer essa vivência sem muitos riscos."* D6. Ou, *"Cara, essa eu posso te responder de barbada, é a questão de levar os alunos para o mar a responsabilidade que envolve levar uma criança para o mar sabe." D4.*

Como dito anteriormente, é compreensível que haja preocupação por parte dos docentes, pois há um risco real que é inerente às práticas corporais de aventura (PAIXÃO, 2018), porém, não se pode deixar levar em consideração que quando se propõe um jogo de futebol, ou salto em altura, também há algum risco de acidentes lesivos aos estudantes acontecerem, e essa possibilidade por si só não pode ser uma justificativa para que os docentes não apresentem estes conteúdos aos estudantes.

Um dos docentes reconhece a existência deste risco em outras práticas da EFE (*'Na educação física, é a disciplina onde 100% dos acidentes da escola acontecem, qual a disciplina que é um atrator para não só o joelho ralado mas pé quebrado, ligamento rompido e não sei o quê, então a educação física já tinha estigma e daí se propõe um surf talvez seja difícil."*

O que entendemos emergir de forma implícita é que os docentes percebem que haverá maior dificuldade em justificar algum acidente lesivo que aconteça fora da escola, do que qualquer outro que por ventura aconteça dentro do espaço escolar.

Desta forma, atividades planejadas para serem realizadas fora deste espaço exigem um rompimento com pressões externas e um planejamento mais detalhado por parte do docente, já que qualquer acidente ocorrido fora do ambiente escolar será questionado de forma mais contundente.

O docente D3 entrevistado nesta pesquisa apresenta um caso em que desistiu de continuar com planejamentos de aula que levavam os estudantes até à orla marítima depois de uma situação difícil que teve que justificar perante um responsável na escola.

Mesmo assim, o docente admite que este fato não seria um impeditivo para novas propostas, mas que numa próxima tentativa, construiria um melhor planejamento das atividades, para evitar este tipo de situação, e ainda salienta que é necessário muita, coragem, aos docentes que se propõem a planejar atividades do tipo.

Para contribuir com estes planejamentos, entendemos que não podemos deixar de rememorar que entre as habilidades a serem desenvolvidas a partir da temática das Práticas Corporais de Aventura juntamente aos estudantes segundo a BNCC (BRASIL, 2018, p.239) estão: *"Experimentar e fruir PCA's; Identificar riscos e formular estratégias de segurança para a prática das PCA's na localidade e também identificar características das práticas bem como sua transformação histórica."*

Entendemos que a partir destas habilidades, é possível planejar diversas atividades que se utilizem de estratégias diferentes de ensino, que não necessariamente devem pautar-se na prática usual do surfe como elemento principal, além de, o próprio risco ser também uma das características a serem estudadas a partir do contato com estas práticas

Outro fator associado às dificuldades em propor o surfe em uma dimensão prática recorrente nos diálogos, é a falta ou limitação de estrutura física e de material dentro das escolas. (*Mas é bem difícil pelo material 'né', se eu quiser montar uma prancha ali suspensa né para simular um simulador de surfe 'né'. Teria um custo que às vezes a escola não consegue arcar."* D5

Esta ideia é corroborada também em outras entrevistas e também está ligada a uma percepção de que existe uma necessidade de que o docente tenha algum contato prévio com as práticas que irá propor na escola, e que quando ela não existe, o melhor caminho é ceder parte da condução da aula para alguém com maior experiência no ensino desta prática específica, como é possível observar nestes trechos: (*"Eu digo que, eu quero dizer o seguinte: O professor de educação física que não tem contato, eu vou saber explicar*

tudo sobre história, tudo sobre os movimentos, a relação da natureza, mas o cara que tem toda a prática, então ele vai ter mais experiência do que eu pra ensinar" D6)

Neste caso, nossa interpretação é a de que os docentes sentem-se incapacitados para propor algo do tipo, e sustentam a existência de certa necessidade de contato prévio com a prática do surfe para trabalhá-lo em suas aulas nas escolas.

Entendemos que esta preocupação dos docentes está relacionada à sua constante preocupação com atividades práticas nas aulas de educação física, além disso, práticas que reproduzam a forma usual de praticar o surfe, desconsiderando formas de lecionar EFE que não incluem atividades práticas, como textos de apoio, imagens, reprodução de vídeos ou filmes sobre as temáticas estudadas, entre outros.

É possível compreender a relação existente entre toda a historicidade da formação da EFE no Brasil, que passou por períodos embasados em paradigmas amparados no movimento durante as aulas, que quando conduzidas pelos docentes trazem diversos benefícios aos estudantes. Proporcionar estes benefícios foi, por muito tempo, o fio condutor da disciplina no currículo escolar.

Deste modo, muitos dos docentes entrevistados nesta pesquisa foram formados e também participaram como estudantes nas escolas em aulas de EFE embasadas nestes paradigmas, e que hoje constituem grande parte de sua referência ao pensar sobre Educação Física nas escolas.

Contudo, com o surgimento de outros modos de compreender a função da EFE no currículo, embasado principalmente nas teorias críticas e multiculturalistas escritas a partir da década de 1980, a disciplina foi aos poucos sendo modificada.

Esta mudança como podemos perceber em parte, ainda não foi completamente instaurada, já que há um constante conflito de perspectivas sobre como deve ser a EFE no mundo acadêmico, o que é importante, pois promove o avanço das discussões sobre a área, mas ao mesmo tempo, oferece uma pluralidade tão grande de perspectivas que pode confundir os docentes em sua prática.

Em relação há necessidade de experiência com a prática do surfe antes de ensiná-lo aos estudantes, alguns docentes colocam como uma necessidade, outros não. Dentre os primeiros inclusive um dos docentes é surfista, e considera que a experiência prática com o surfe não necessariamente o habilita a ensinar o surfe nas escolas, enquanto alguns docentes do segundo grupo entende que não há necessidade de uma experiência prévia por parte do docente, mas sim um bom planejamento e adaptação das atividades ao meio escolar.

No diálogo com o D1 ao falar sobre uma aula em que ministrou o conteúdo skate ele trouxe o seguinte trecho: "*Mas o professor tem que estar aberto para isso tem que ter coragem, eu trabalhei skate, mas não sou skatista"*, e é também neste trecho que apresenta sua percepção sobre uma certa coragem necessária para propor novos conteúdos, principalmente os que envolvem maior risco como o surfe.

Estes relatos apresentam outra percepção e atitude que acredito poder considerar como fruto de um pensamento "inovador", também demonstram que não há unanimidade acerca da necessidade de experiência prévia para uma proposta de surfe nas aulas, existindo maneiras diferentes de se posicionar perante os novos conteúdos que emergem a partir da transição recente por que passa a prática pedagógica em educação física. (SILVA; BRACHT, 2012) (FENSTERSEIFER; SILVA, 2011)

Em pesquisa realizada com docentes da EFE considerados inovadores, os autores procuraram "conhecer e analisar os elementos que, na ótica desses professores, foram/estão sendo importantes para a realização e sustentação dessas práticas." (FENSTERSEIFER; SILVA, 2011, p.119)

Foram identificados neste trabalho diferentes elementos que atravessaram e atravessam a trajetória profissional destes docentes inovadores, sendo eles a formação inicial e a participação em projetos ligados à comunidade local durante sua graduação, o investimento em formação continuada posteriormente à sua formação básica e a participação em grupos de estudo sobre a prática pedagógica em EFE. (FENSTERSEIFER; SILVA, 2011)

Os autores indicam que estes são elementos importantes para que os docentes possam ter contato com diversas teorias e perspectivas sobre a EFE, sendo oportunizado aos mesmos, de forma contínua oportunidades de refletir e agir sobre suas práticas pedagógicas, para desta forma avançarem em direção às mudanças e inovações que entendem como necessárias. (FENSTERSEIFER; SILVA, 2011)

Tomamos como referência este conceito de Silva e Bracht (2012) de que podemos nos posicionar como professores "inovadores", que vão além do já estabelecido na EFE, rumo à novas práticas pedagógicas, e considero que pensar o surfe como um conteúdo em aulas de EFE em escolas de uma região litorânea, constitui-se em uma opção de conteúdo muito enriquecedora e significativa para a cultura corporal de movimento da localidade.

Também compreendemos a partir de Freire (1996) que defende uma postura docente curiosa, pesquisadora, reflexiva, crítica e comprometida com a consciência crítica dos educandos a partir principalmente de sua realidade local.

Neste sentido, entendemos é preciso encontrar caminhos dentre o que nos é possível em conformidade com a realidade física, material da escola e do seu entorno, para que possamos incluir esta prática corporal significativa da cultura corporal da região como um objeto de conhecimento para os estudantes.

Questionamos a partir de Freire (1996, p.15), o porquê de não aproveitarem a experiência que têm os estudantes do litoral e partir em busca de questionar, refletir e discutir os problemas ambientais existentes nas localidades a partir da introdução do conteúdo surfe em suas aulas? Ou ainda: "Por que não estabelecer uma necessária "intimidade", entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?"

Finalizando, compreendemos que foi possível interpretar e discutir com a literatura da área as diferentes percepções que os docentes têm sobre elementos importantes à proposta deste trabalho. Primeiramente pela recepção dos alunos com o conteúdo surfe, evidenciando que de forma geral, conteúdos novos ou inovadores são bem aceitos pelos estudantes, e que o surfe em si seria uma prática com boa aceitação dada a sua atualidade e relação com os estudantes devido à existência de praticantes nas localidades em que lecionam.

Também pudemos compreender as dificuldades evidenciadas pelos docentes em articular ideias para uma implementação deste conteúdo nas escolas do litoral, sem a necessidade de levá-los para a praia ou entrar no mar. Fato que consideramos estar ligado às diferentes concepções sobre a EFE apresentadas e analisadas, sobretudo àquelas que historicamente atribuem grande importância à prática dos conteúdos da disciplina.

A percepção dos docentes sobre o risco de utilizar espaços fora do ambiente escolar, somado à precariedade de materiais didáticos e de espaços considerados adequados ao ensino da prática pelos mesmos, são elementos que dificultam de maneira considerável uma proposição de conteúdo surfe nas escolas do litoral.

E um último elemento dificultante também muito significativo na percepção dos docentes, é o de que a falta de contato prévio com a prática corporal do surfe traz muita insegurança ou mesmo inviabiliza a possibilidade de proposições do conteúdo surfe nas aulas de EFE, a menos que, existam parceiros externos ou terceiros que possam, a partir de sua contribuir para a execução com segurança para todos, principalmente em aulas práticas fora da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, foi identificado que o surfe é uma prática comum às localidades onde os entrevistados atuam, sendo utilizado por alguns docentes, mas no geral foi apresentado aos estudantes de forma teórica durante o período pandêmico.

Também foi possível identificar a existência de diferentes perspectivas acerca da EFE, muitas delas fundadas em paradigmas que priorizam um ensino prático dos conteúdos, o que acaba por inviabilizar o surfe devido principalmente a alguns problemas comuns a escolas públicas brasileiras, como a precariedade de infraestrutura básica e a falta de material didático necessário para a apresentação desta prática no espaço escolar.

A partir destas perspectivas que privilegiam a prática, percebeu-se que estratégias de ensino que utilizem outros materiais didáticos, como vídeos, fotos, documentários, discussões sobre o tema, ou mesmo, práticas adaptadas ao espaço escolar que simulam os movimentos do surfe e permitam algum tipo de fruição do mesmo por parte dos estudantes, não são considerados espontaneamente pelos docentes como formas de ensinar o surfe nas escolas, devido sua forte ligação à prática nas aulas.

Para os docentes entrevistados neste estudo a inclusão deste conteúdo na escola, exige adaptações e superação de resistências que foram se revelando ao longo das entrevistas. Mesmo considerando o surfe uma prática atrativa aos jovens estudantes por parte dos docentes, existem diferentes dificuldades a enfrentar para sua implementação nas aulas de EFE.

Entendemos que frente às novas possibilidades abertas pela BNCC, a partir da inclusão das PCA's como temática na EFE, o surfe se apresenta como uma prática com grande potencial para a discussão da realidade local do litoral, haja vista sua possibilidade de interação com diversas outras temáticas importantes para a disciplina, como a Cultura local, o Meio Ambiente, a Saúde, o Treinamento Físico Esportivo, entre outras muitas possibilidades existentes.

Deste modo, pensar o surfe como conteúdo da EFE, principalmente em regiões litorâneas, é uma possibilidade que abre novos caminhos para a disciplina na escola, entendida através de uma perspectiva que proporcione momentos de prática, reflexão, debate e produção de conhecimento com base na crítica à realidade dos estudantes a partir das práticas corporais comuns ao seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

BARROS, A.M. de; DARIDO, S.C. Práticas pedagógicas de dois professores mestres em educação física escolar e o tratamento da dimensão conceitual dos conteúdos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 23, p. 61-75, mar. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16711>. Acesso em: 15 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 10 jul. 2022.

BRACHT, V. **Educação física & ciência**: cenas de um casamento (in)feliz. Ijuí, Editora Unijuí. 1999.

FENSTERSEIFER, P. E; SILVA, M. A. da. Ensaiando o novo em educação física escolar: a perspectiva de seus atores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** (Impresso), FapUNIFESP (SciELO), [S.L.], v.33, n.1, p.119-134, mar. 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**, 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

PAIXÃO, J.A. da. O esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar. **Motrivivência** (UFSC), Florianópolis, v.29, n.50, p.170-182, maio/2017. https://doi.org/10.5007/2175-8042.2017v29n50p170

SILVA, M.S.; BRACHT, V. Na pista de práticas e professores inovadores na educação física escolar. **Kinesis**, *[S. l.]*, v. 30, n. 1, 2012. DOI: 10.5902/010283085718. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/5718>. Acesso em: 14 jul. 2022.

SOARES, C.L. et al **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

STOPPA, E.A.; TRIGO, L.G.G.; ISAYAMA, H.F. O lazer do brasileiro no período de férias: representações e concretizações das atividades turísticas. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 138-154, abr. 2017. Disponível em: http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/1139 Acesso em: 15 jul 2022.

TRIVINOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

ZENI, A.; BRASIL, V.Z. O surfe enquanto esporte contemporâneo: do "*lifestyle*" aos jogos olímpicos. *In:* SILVA, B.A.T. da; PALMEIRA, M.V. (org.). **Surf Contemporâneo:** base científica por trás das ondas. Curitiba: CRV, 2021. p. 37-65.

Rua 12 L, 52
Centro
Cidreira/RS
95595-000